

Pesquisas do IBGE revelam o que o governo Waldez Góes procura esconder



FRACASSO — Lojas fechadas na rua Cândido Mendes exemplificam a situação de falência econômica no Amapá

Reportagem: Emanuel Reis

Outra vez, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) descortina um cenário desalentador para o Amapá com a recente divulgação da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) elaborada com base nos valores dos rendimentos domiciliares per capita referentes a 2018 para o Brasil e Unidades da Federação. De acordo com o levantamento, o Amapá, com a renda de R\$ 857 por mês, por pessoa, ficou em 21º lugar num ranking com as demais Unidades da Federação. Tendo perdido seis posições em relação ao resultado de 2017, quando ficara em 15º.

Semanas atrás, outra pesquisa do IBGE revelou realidade igualmente devastadora: o Amapá foi o estado com a maior taxa de desemprego do Brasil em 2017, com 17,7% de taxa de desocupação, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) trimestral. O desemprego em espiral crescente apresentado por meio dos inquestionáveis números do instituto podem ser conferidos por qualquer pessoa sem, necessariamente, o uso dos recursos técnico-científicos empregados na realização de suas pesquisas.

Basta uma visita mais demorada ao centro comercial de Macapá para constatação de fato estarrecedor: o Amapá está economicamente falido.

A situação dos estabelecimentos comerciais localizados na rua Cândido Mendes, entre as avenidas FAB e Henrique Galúcio, traduz o que as pesquisas do IBGE mostram por meio de seus gráficos. Por toda a extensão da tradicional via comercial, as lojas fechadas revelam o tamanho da crise que diariamente corroi as estruturas da combalida economia amapaense. Igualmente salta aos olhos as lojas em funcionamento precário, sem clientes a maior parte do dia, por isso mesmo, sem ter como dar vazão aos produtos expostos nas prateleiras e vitrines, tampouco aos estoques acumulados desde o fim do ano passado.

Ocupando o vexatório 21º lugar num ranking com as demais Unidades da Federação, o Amapá segue ladeira abaixo quanto ao rendimento mensal per capita, dessa vez fixado em R\$ 857 durante 2018. Segundo o IBGE, menor do que em 2017. Conforme esclarecimentos do IBGE, renda per capita é uma expressão em latim que significa "renda por cabeça". Também é usada no cálculo do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) que avalia o desenvolvimento econômico e a qualidade de vida. Resumindo: é o valor da renda média por pessoa. Isso significa que renda média do amapaense está em queda livre e sem qualquer perspectiva de melhora.

A reportagem do site [Amazônia Via Amapá](#) procurou entrar em contato com as Secretarias de Estado do Planejamento e da Fazenda Pública sem, contudo, obter retorno. A verdade é que desde 2017, o Amapá perdeu seis posições, expondo, à olho nu, a incapacidade do governo Waldez Góes (PDT) em promover ações que impulsionem a economia para geração de emprego e renda. Atingindo, principalmente, homens e mulheres na plenitude da produtividade. Uma constatação demonstrada pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) trimestral: **"A maioria dos desempregados do Amapá [têm] idades entre 14 e 17 anos e ensino médio incompleto ou equivalente"**.

Para os especialistas da Unidade Estadual do IBGE no Amapá, trata-se de "uma calamidade pública" porque sem trabalho, esses jovens acabam virando estatísticas em outros gráficos mais assustadores, como o da violência, por exemplo. E, prosseguem, em vez de ser "apenas uma calamidade pública", converte-se em tragédia social sem precedentes. E este parece ser o futuro do Amapá, projetado desde 2015.